

Por um protagonismo negro efetivo nos quadrinhos brasileiros: das páginas aos circuitos

For an effective black role in Brazilian comics:
from pages to circuits

Leonardo Rodrigues dos Santos

Entre crises editoriais, econômicas, de insumos, e a necessidade constante de adaptação do meio diante do público leitor, o quadrinho brasileiro vem experimentando uma escalada ascendente, ainda que não homogênea. Principalmente no que diz respeito à produção independente: com novas possibilidades de criação, ferramentas de auto editoração e publicação, junto de uma consolidação do circuito de eventos voltados para ilustração, artes gráficas e quadrinhos, a década de 2010 foi palco de um expressivo crescimento do quadrinho independente no Brasil.

Se o caminho padrão para se publicar quadrinhos no Brasil era buscar por uma editora, hoje novas trajetórias são possíveis. Não existe mais um caminho único a seguir. Seja por meio de projetos em financiamento coletivo, pela criação de perfis em redes sociais ou pela possibilidade de se publicar um trabalho em plataformas digitais especializadas, os quadrinhistas vem encontrando diferentes formas de viabilizar seus projetos, sem precisarem necessariamente depender

Leonardo Rodrigues dos Santos é mestrando em Estética e História da Arte pelo PGEHA, na Universidade de São Paulo. Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino Americanos Sobre Cultura e Comunicação - CELACC, na Universidade de São Paulo. Graduado em Design Gráfico pela Universidade Anhembi Morumbi.
E-mail: rodriguesleo@usp.br

de uma editora. A partir de então, ocorreu processo de consolidação de criações e percursos, renovando o quadrinho nacional (CHINEN, 2019). Programas de financiamento e fomento a produções culturais no país, como o ProAc, contribuem também para esse progresso do quadrinho nacional, sobretudo independente.

Importante mudança no cenário atual de quadrinhos é a diversificação de temas e de artistas criando. A expansão do acesso à internet, junto de novas ferramentas digitais, vem permitindo com que cada vez mais artistas - de diferentes regiões e grupos - possam ser conhecidos pelos leitores, incluindo, segundo Santos, Corrêa e Tomé (2013), aqueles/as cujas obras não se alinham aos padrões editoriais convencionais dominantes. Com isso, temos um maior número de obras com temáticas LGBTQIAP+, que debatem vivências indígenas e negras no Brasil.

Ao longo do livro *O Negro nos quadrinhos do Brasil*, fruto de sua tese de Doutorado, o pesquisador Nobu Chinen apresenta uma vasta investigação acerca de personagens negros nas histórias em quadrinhos brasileiras, bem como de histórias que abordem suas vivências e evidenciem temáticas relacionadas com a negritude. A partir obra, observa-se um notório crescimento no volume de histórias em quadrinhos que trazem personagens negros, sobretudo se compararmos com o cenário brasileiro até a década de 1980: Moacy Cirne, em seu livro *Uma introdução política aos quadrinhos* (1982), lamentava pelos pouquíssimos personagens negros no quadrinho nacional até então.

No Brasil, o que nos parece bastante grave para um país que “oficialmente” não reconhece o preconceito racial, os heróis negros também não passam de exceções, nem sempre honrosas (vide Pelezinho, de Maurício de Sousa). A verdade é que a nossa galeria de personagens negros é bastante pequena: Benjamin (Luís Loureiro), Lamparina (J. Carlos), Azeitona (Luiz Sá), Pererê (Ziraldo), Preto-que-ri (Henfil) - e mais um ou outro exemplo (CIRNE, 1982, p. 54).

Criado em 1960, o garoto negro Jeremias foi um dos primeiros personagens de Maurício de Sousa. Mas diferente de outros personagens secundários e terciários de maior destaque, como Xaveco e Franjinha, Jeremias seguiu com pouco destaque para além das histórias da *Turma da Mônica*, ganhando protagonismo efetivo somente em 2018 com a graphic novel *Jeremias: Pele*, com roteiro de Rafael Calça e arte de Jefferson Costa. Foi a primeira vez em que o personagem estampou uma capa de quadrinho como protagonista, em mais de 50 anos de existência.

O caso do personagem Pererê, criado por Ziraldo na revista *Turma do Pererê* (1958 a 1964) constitui, segundo Chinen (2019), um paradoxo: ao mesmo tempo em que é o personagem negro de maior sucesso do quadrinho brasileiro, Pererê não é um ser-humano, e sim uma figura mítica. “Ou seja, o negro mais famoso dos quadrinhos brasileiros é alguém que não existe, que não serve de modelo ou ideal ao leitor negro” (CHINEN, 2019, p. 112-114). Tal imaginário do negro como uma figura não-humana, é uma de tantas ideias racistas que reverberam ao longo da história do Brasil, ecoando também nas artes.

Assim como na pintura, muitos quadrinhos retratam pessoas negras de forma animalesca, com anatomia desproporcional, em total contraste com o modo como pessoas brancas eram desenhadas. Isso já era visto no humor gráfico e nas charges brasileiras do século XIX. Ainda que alguns artistas na época advogassem a favor de causas abolicionistas em seus trabalhos - a exemplo de nomes como Angelo Agostini, Rafael Mendes de Carvalho e V. Mola -, tal posição não eximia esses artistas de retratarem pessoas negras por meio de estereótipos que reafirmavam uma visão de inferioridade sobre o negro. No que tange à figuração de mulheres negras, existem ainda mais acúmulos a serem considerados: personagens como Lamparina (1924, por J. Carlos), Maria Fumaça (1950, por Luiz Sá) e Nega Maluca (1995, por Newton Foot) são alguns exemplos de personagens femininas que, além de

possuírem figurações distorcidas e bestializadas, eram postas em um espectro de alívio cômico, feiura e pouca inteligência (NETO, 2015).

A formação e cristalização, nos quadrinhos, de um repertório imagético de pessoas negras pautado em negligência, subserviência, desumanização e marginalidade, reforça e reafirma o local social ao qual o negro é impelido diariamente. Reitera o imaginário do que e como uma pessoa negra deve ou não ser, onde pode ou não estar, uma vez que “os quadrinhos acabam por ser mais um campo da colonização cultural, no sentido de nos privar de nossa própria representação cultural. Não nos vemos, mas somos levados a nos identificar” (LOPES, 2012; p. 14).

Em contrapartida, muitos quadrinhos de teor histórico e biográfico trazem representações mais profundas e diversas de pessoas negras, a exemplo das obras *KM Blues* (2012), de Daniel Esteves, Wanderson Souza e Wagner de Souza sobre o músico Cartola, e *Carolina* (2016), de Sirlene Barbosa e João Pinheiro sobre a escritora Maria Carolina de Jesus. Também há trabalhos que evidenciam a importância da população negra na história do Brasil, adaptando eventos da história brasileira, como os quadrinhos *A Revolta da Chibata*, de Maurício Pestana (2010) e *Balaiada, a guerra do Maranhão*, de Iramir Araújo, Ronilson Freire e Beto Nicácio (2009).

Também há mais trabalhos com protagonismo negro cujas histórias não precisem abordar, necessariamente, temáticas em torno do racismo e apagamento histórico, a exemplo de *Roseira, Medalha, Engenho e outras histórias* (2019), de Jefferson Costa, que retrata diversas memórias da vida cotidiana da família do autor no interior da Bahia. Já *Contos de Griô: o espelho da verdade* (2019), de Ana Cristina e Jean Lins, reúne a quadrinização de contos de origem africana.

Com as novas possibilidades da produção independente brasileira, mais histórias vêm sendo contadas, e por pontos de vista diferentes. Isso reflete em uma maior presença de personagens e histórias negras nos quadrinhos que vão além de estereótipos raciais: personagens

complexos e múltiplos, ocupando diferentes papéis nas histórias, e em narrativas que não se restringem a temáticas raciais.

Mas, para além de personagens e histórias sobre pessoas negras, onde estão os negros na produção de histórias em quadrinhos no Brasil? Qual espaço os negros vêm ocupando na cena do quadrinho nacional independente?

Marcelo D'Saete, um dos principais nomes do quadrinho brasileiro contemporâneo e Mestre em História da Arte, disse em entrevista¹ que “além dessas histórias negras se tornarem temas relevantes, é importante ter autores negros criando histórias. Garantir essa perspectiva é muito relevante artística e socialmente. Não podemos ter apenas um mesmo grupo falando de nossas histórias”. Faz-se necessário um maior protagonismo negro no campo dos quadrinhos brasileiros, para além da mera representação.

Em seu texto “Patologia social do ‘branco’ brasileiro” de 1955, o sociólogo e político Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) apresenta o conceito que ele chama de negro-tema. Segundo o autor, negro-tema trata-se de “uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção” (GUERREIRO RAMOS, 1955, p. 215). Ou seja, a existência do sujeito negro é muitas vezes resumida em sua tematização, em um entendimento externo e superficial do que lhe constitui enquanto uma figura estranha e divergente.

É importante que haja cada vez mais personagens e temáticas negras abordadas em diferentes manifestações? Sim, com toda a certeza. E somente pessoas negras podem criar personagens negros? Não, de forma alguma. A questão aqui é: a presença negra nos quadrinhos não pode ocorrer somente no campo da representação, por meio de per-

1. D'SALETE, Marcelo. Por que falar da escravidão do Brasil em quadrinhos? Entrevista concedida a Carolina Ito. *Outras Palavras*. 23 jul. 2015. Disponível em <www.outraspalavras.net/poeticas/por-que-falar-da-escravidao-do-brasil-em-quadrinhos/>. Acesso em: 16 mai. 2022.

sonagens, sem que haja, de fato, mais pessoas negras atuando neste campo. Segundo dados do IBGE² de 2020, 54% da população brasileira se autodenomina como negra. Mas, em uma breve análise do cenário de quadrinhos nacionais, qual a proporção de artistas negros entre aqueles que, por exemplo, participam de eventos de quadrinhos? Ou quantas obras de artistas negros são referenciadas em listas e premiações do meio? E quantos pesquisadores e autores negros compõem as bibliografias e produções teóricas sobre histórias em quadrinhos? Ou, ainda, quantos artistas negros são referenciados em livros sobre a história do quadrinho brasileiro?

Os negros nos quadrinhos, seja como autores ou como personagens, têm uma ampla história - tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Mas ela é constantemente apagada e diminuída, a partir de historicizações que se propõe neutras e universais, enquanto minimizam perspectivas que se distinguem da norma (QUIANGALA, 2021, p. 23).

E é exatamente sobre isso a que me refiro quando falo aqui sobre um maior protagonismo negro nos quadrinhos, que avance para além da mera representação: é preciso que não apenas a cultura e a imagem negra avancem, é urgente que os sujeitos negros também façam parte dos espaços, de forma autônoma e atuante, nas mais variadas e complexas maneiras.

Segundo Howard Becker em seu livro “Art Worlds” (2008), o mundo da arte é composto não somente pela relação entre artista e público, mas também por todos os demais agentes envolvidos nos diferentes processos da arte; ou seja, um universo artístico é composto por uma rede de indivíduos de diferentes áreas e funções, tão importantes para

2. PRUDENTE, Eunice. Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. In *Jornal da USP*. 31 jul. 2020. Disponível em <www.jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra>. Acesso em: 08 jul. 2022.

a existência de uma obra quanto o autor. No contexto das histórias em quadrinhos, essa rede é composta, assim, por editores, designers, tradutores, letristas, profissionais de gráfica, distribuidores, lojistas, jornalistas, entre muitos outros. Aspecto semelhante, no contexto da arte afro-brasileira, já era defendido por Abdias Nascimento (2019), que salientava a necessidade de haver não apenas mais artistas negros, mas também a formação e consolidação de uma crítica negra capaz de analisar e teorizar sobre essas produções.

Com a efervescência das redes sociais e suas múltiplas possibilidades, temos um número crescente de pessoas negras utilizando essas possibilidades para produzir e discutir o quadrinho brasileiro. Jornalistas, blogueiros e criadores de conteúdo negros como Anne Quian-gala (Preta, Nerd & Burning Hell), Thiago Carneiro (AfroNerd), Inara Chagas e Mayrah Luiza (Cartunadas), Vanessa e Daniel Mirando (Negro Geek), as irmãs Genilda e Genilza (Canal Dona Gêek) e Load (Load Comics), são alguns dos nomes que vêm integrando uma crítica brasileira dos quadrinhos, por um olhar afrocentrado - falando de obras de diferentes gêneros e temas, e não apenas daqueles que discutam nuances da negritude.

Tão urgente quanto haver mais negros nas diferentes esferas de produção e circulação de quadrinhos, é que essas histórias sejam acessíveis a mais e mais leitores negros. No âmbito escolar, nos últimos anos tivemos alguns trabalhos de artistas negros selecionados para integrar o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Isso garantiu que quadrinhos como *Angola Janga* e *Cumbe* de Marcelo D'Saete (PNLD de 2018) e *Indivisível* de Marília Marz (PNLD 2022) estejam presentes em bibliotecas de escolas públicas de todo o país, podendo assim ser utilizados como materiais de apoio em diferentes disciplinas escolares.

Um maior protagonismo negro nas artes brasileiras extrapola este campo, podendo fortalecer uma disputa mais ampla de discursos e

narrativas na sociedade brasileira. São mais pessoas negras exercendo o poder do discurso, exercendo o direito de criar e compartilhar suas visões e modos de lidar com a realidade.

Um dos nomes pioneiros e mais importantes entre os artistas negros nos quadrinhos do Brasil é Maurício Pestana, “cartunista reconhecido por seu engajamento com os movimentos negros, cuja obra é pautada pelo combate ao preconceito e a igualdade de direitos” (CHINEN, 2019, 235). Nascido na cidade de Santo André em São Paulo, Pestana é além de cartunista e ilustrador, jornalista, publicitário e escritor. Atuou como secretário de Promoção da Igualdade Racial da Cidade de São Paulo (2013-2016) e desde 2007 é Diretor Executivo de *Raça*, revista lançada em 1996, com foco no protagonismo negro brasileiro. Desenhou dezenas de tiras com teor crítico sobre questões de classe e raça, além de ter quadrinizado diversos eventos importantes para a história negra brasileira, a exemplo do quadrinho “Revolta da Chibata”, de 2018, e produzido diversas publicações a respeito de direitos da população negra e trabalhadora no país.

A plataforma de quadrinhos digitais Social Comics produziu, em 2021, a série documental para o Youtube “A Importância do Quadrinho Nacional”. No terceiro episódio, intitulado “Preto Nanquim”, é discutido o espaço ocupado por artistas negros no quadrinho brasileiro, contando com depoimentos de diversos artistas. Um dos tópicos abordados por quadrinhistas como Ana Cardoso e Mandy Barros, é sobre como esperam que artistas negros abordem unicamente temáticas sobre racismo, violência e questões étnicas - tanto em suas produções como em eventos para os quais quadrinhistas negros são convidados.

Faz-se necessário destacar que nem toda história em quadrinhos, de autoria negra, dialoga com as noções de afro-brasilidade - aqui entendidas como o campo de tensões e reflexões acerca da experiência da população negra diaspórica no Brasil (CONDURU, 2012). Mas pode-se

observar um questionamento constante a respeito dos temas que artistas negros, para além dos quadrinhistas, tratam em suas produções:

(...) o artista afrodescendente contemporâneo que alcança o reconhecimento, ou que está se fazendo conhecer, inevitavelmente, em algum ponto de sua trajetória, encontrar-se-á diante do seguinte dilema: se toca nas questões de sua africanidade, é rotulado como e somente “artista afro-brasileiro”; se não toca, é visto com desconfiança, como se intencionasse negar seu passado, suas raízes (SANTOS, R., 2016, p. 195).

O estereótipo do artista negro, como alguém que precisa, automaticamente, tratar sempre e somente de questões relacionadas à negritude, também é observado na produção de outros artistas racializados. Por exemplo, àqueles que possuem ascendência japonesa e são questionados por abordar, ou não, temáticas nipônicas em suas produções; ou mesmo se, no âmbito dos quadrinhos, produzem mangás - nome genérico empregado a histórias em quadrinhos no Japão, mas que internacionalmente caracterizam as produções japonesas. “Ou seja, pertencer ou não a determinado grupo étnico-racial é assumir para si as implicações simbólicas de tais representações identitárias na contemporaneidade” (BARBOSA, 2020, p. 52). No campo das artes, isso pode ser observado na constante tentativa de “enquadrar”, de forma generalizante, toda a complexidade e diversidade de produções cujos autores pertencem a um mesmo grupo étnico, dentro de uma mesma categoria - uma tentativa simbólica de cerceamento de quais espaços são adequados ou não para que estes corpos negros transitem e ocupem.

Na produção contemporânea de quadrinhistas negros no Brasil, é possível encontrar uma ampla diversidade de temas e abordagens: épicos históricos (Marcelo D’Saete), memórias de família (Jefferson Costa), histórias cotidianas (Bennê Oliveira, Janaina Esmeraldo, Paulo Bruno), relação com a cidade (Marília Marz, Janaína Esmerado),

terror (Robson Moura), identidade negra na infância (Rafael Calça, Jefferson Costa, Estevão Ribeiro), contos urbanos (Johnathan Marques, Gabú, Marcelo D'Saete), histórias de fantasia (Daiandreson Victor, PJ Kaiowá, Alessandro Flores), cartuns (Junião, Estevão Ribeiro), denúncia social (Triscila Oliveira, Paulo Bruno, Marcelo D'Saete), ancestralidade (Bennê Oliveira, Rafael Calça, Jefferson Costa), entre muitos outros. Muito além de histórias sobre racismo ou violência.

É urgente, também, reiterar que São Paulo não é sinônimo de Brasil. Em um país de dimensão continental, resumir o quadrinho - e as artes brasileiras - a uma única região ou estado é, no mínimo, problemático. O quadrinho nacional (r)existe para muito além do eixo Sul-Sudeste do país, principalmente em relação às produções de artistas negros. Um exemplo é a potência do quadrinho nortista e amazônico, como é documentado na coletânea “Zagaia”, organizada pelo também quadrinista Elton Galdino. O trabalho, viabilizado em 2021 por meio de financiamento do Edital de Artes Visuais - Lei Aldir Blanc Pará 2020, se constitui por um mapeamento de quadrinhistas afro-amazônicos, junto de quadrinhos de treze artistas: O Afrontosu, Gyselle Kolwalsk, PV Dias, Ítalo Rodrigues, Heloize Rodrigues, Mandy Barros, Rodrigo Leão, Woylle Masaki, Victor Duarte, Fernanda Monteiro, Bruno Pedroso, Yan di Maria e Lira. Zagaia constitui assim um importante documento, teórico e artístico, evidenciando um pouco da diversidade presente nas criações desta região do país, para além de estereótipos que possam existir.

Por meio de suas obras, esses quadrinhistas se recolocam no mundo como vozes ativas e protagonistas de suas próprias narrativas, servindo de porta-vozes para tantos cuja história, pessoal ou social, assemelha-se. São dinâmicas que permitem a construção de novas práticas de representação e reconhecimento, na esfera das artes, criadas por artistas negros. Dinâmicas que não estão presentes somente no campo dos quadrinhos, mas também em tantas outras expressões artísticas,

como na música e no teatro negros. Os negros, não mais como temas somente, mas também e principalmente como vozes potentes que se fazem ouvidas, a partir de potências que reverberam mais e mais por meio das artes que, como um prisma, permite com que suas histórias se multipliquem.

Para que se construa um protagonismo negro efetivo nos quadrinhos brasileiros, é, portanto, preciso que haja não apenas mais negros produzindo quadrinhos, mas que também mais negros editem quadrinhos, leiam quadrinhos, pesquisem quadrinhos, pensem quadrinhos. É necessário uma maior presença negra nas mais diferentes esferas que compõem esse universo no Brasil. Ainda que o circuito independente apresente uma maior abertura para artistas e temáticas diversas, ele ainda se constitui de dinâmicas semelhantes do circuito comercial amplo - ou seja, pautado em hierarquias e privilégios sociais e raciais. Isso pode ser visto, por exemplo, em quantos profissionais negros são entrevistados em pautas sobre produções independentes (não apenas no mês de novembro), ou são mencionados em livros sobre a história do quadrinho brasileiro, em quantos são indicados ou mesmo vencem as grandes premiações do nicho, ou simplesmente em quantos quadrinhos presentes nos principais circuitos editoriais são de autoria negra.

E entre os presentes, saúdo aqui Maurício Pestana, Ana Cardoso, Junião, Mandy Barros, Gabu Brito, Rafael Calça, Marília Marz, Anderson Awwas, Bennê Oliveira, Isaac Santos, Ju Mesquita, Sirlene Barbosa, Carlos Ferreira, Daiandreson Víctor, Dharilya Sales, Janaína Esmeraldo, João Miranda, Dika Araújo, Dhiovana Barroso, May Solimar, Kione Ayo, Alexandre Aleixo, Robson Moura, Diogo Lira, Alex Mir, Elton Galvão, Douglas Lopes, Estevão Ribeiro, Heloize Rodrigues, Rogi Silva, Laís Pedrozo, Triscila Oliveira, Gleisson Cipriano, Alessandro Flores, Flávia Borges, Diocir Júnior (Diox) Giulia Gartchia, Yorhán Araujo, Leander Moura, Bárbara Knupp, PJ Kaiowá, Lila Cruz, Gustavo Nascimento, Isaque Sagara, Yan di Maria, Jefferson Costa, Raiza Izabel, Rodrigo

Leão, Alícia Gomes Barbosa, Johnathan Marques, Beatriz Braga, Will Rez, Ana Paloma Silva, Laís Machado, Letícia Moreno, Alcimar Frazão, PV Dias, Laurão Pep, Marcelo D'Saete, Alan Furtado, Silvio Db, Oberas, Bruno Pedroso, Monalisa Borelli, Nathalia de Souza, Paula Limes, Paulo Bruno, Lhaiza Morena, Raissa Molinari, Tebhata Chapim Spekman, Alexandre Magalhães, entre muitos e muitas mais.

Cabe valorizar por meio de pesquisas, os percursos e criações daqueles que já se foram. E seguir acompanhando aqueles que estão presentes, bem como estarmos atentos para as boas-vindas de quem ainda está por vir. Saúdo, assim, aqueles que já se foram, e também aqueles que ainda virão: cada jovem negro que virá a descobrir o quadrinho, e por meio de traços e balões, (re)criarão as suas e as nossas histórias. Como escrito em Zagaia (2021),

Enquanto a história “oficial” for contada pelo viés do opressor, do invasor... e nossos esforços e participação forem minimizados, ridicularizados ou totalmente desprezados, qualquer movimento que se proponha a registrar ou salvaguardar registros já existentes de nossa história é de suma importância (LIMA, 2021, p. 17).

Que o negro não seja unicamente uma temática a ser abordada, mas que seja também um grupo de sujeitos com voz ativa, que fale por si e conte as próprias histórias. E que haja mais quadrinhistas negros com trabalhos publicados. Que haja mais quadrinhistas negros entre os nomes mencionados nos livros sobre a história das histórias em quadrinhos no Brasil. Que tenha mais quadrinhistas negros entre os finalistas das grandes premiações da área. Que haja mais trabalhos de quadrinhistas negros utilizados em sala de aula. Que haja mais quadrinhistas negros devidamente reconhecidos pelos méritos de suas obras. E que haja mais quadrinhistas negros, em todas as suas potências diversas e únicas.

Referências

- BARBOSA, Nelma. *Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020.
- BECKER, Howard. *Art Worlds*. Londres: University of California Press, 2008.
- CHINEN, Nobu. *O Negro nos quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2019.
- CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- CONDURU, Roberto. *Arte Afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. *A patologia social do branco brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1955.
- LIMA, Elton Galdino de (org.). *Zagaia: coletânea de quadrinhos afroamazônidas*. Ananindeua, PA: Edições 1/4, 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. In *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 16, p. 65-85, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200065&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2022.
- QUIANGALA, Anne Caroline. Quadrinhos negros ou negros nos quadrinhos? In *Revista Plaf*. Recife, n. 5, p. 20-23, abr/mai. 2021.
- SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. *A construção da identidade afro-descendente por meio das Artes Visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas*. Tese de Doutorado. UNESP, 2016.
- SANTOS, Roberto Elísio dos; CORRÊA, Victor; TOMÉ, Marcel Luiz. As Webcomics Brasileiras. In LUIZ, Lúcio (org.). *Os quadrinhos na era digital* –

HQTrônicas, webcomics e cultura participativa. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013.

SOCIAL COMICS. Preto Nanquim. In *A importância do quadrinho nacional*. Youtube, 15 mai.2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ILSralH9DYs>>. Acesso em: 20 ago. 2021.